

Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros 1\$250 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II—10 DE SETEMBRO DE 1882—N.º 29 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 1\$000 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino Faro, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS:—O almirante Seymour. Pobresinha. A cantora das ruas. Typos de Fellahs.

TEXTOS:—Actualidades, por Gomes da Silva. As nossas gravuras, por P. C. Rosicler, por Gomes Leal. Um caso de magnetismo, por Guimarães Fonseca. Uma palavra sobre os destinos da poesia, por João Tedeschi. Sciencia popularizada. A filha do musico.

ACTUALIDADES

Correr nem sempre significa andar aceleradamente.—*Corre* nas veias o sangue, embora não sejam apressadas as palpitações; *corre* a agua na fonte, por mais que serenamente deslize o veio cristalino; *corre* o tempo, por mais que com vagar se balance a pendula do relógio; *correm* a noticia e o boato como se alastra a nodosa de azeite, e até *corre* a moeda de Cesar nas praças e mercados do seu imperio.

Correr o mesmo é, na maior parte dos casos, do que *andar*.

Os usos e os costumes tem adulterado e invertido muitas vezes a significação dos vocabulos.

Diz-se que a terra *anda*, apesar da velocidade do seu giro, e diz-se que as nuvens *correm* ainda que ellas deslitem serenas no espaço.

A' marcha acelerada na terra chama-se *corrida*, a corrida no espaço chama-se *vôo*, ao vôo do pensamento chama-se *devaneio*; no mundo, politico, moral e philosophico a corrida toma o nome de revolução.

Entre nós a não ser os srs. Melicio e Burnay, tudo se arrasta e nada corre.

A multidão arrasta-se no *trottoir* e os americanos nos rails das calçadas; no pensamento a idéa em vez de voar, faz sentinella á tradição; na politica o *statu-quo* é o travão inflexivel; na moral e na sciencia siranda-se apenas.

Para se fazer uma idéa do que são os portugueses em questões de velocidade, basta ver os nossos caminhos de ferro, as obras publicas e as reformas politicas: de Lisboa ao Porto doze horas—para

mostrar o *frontão* ao pelourinho, vinte annos — o acto adicional data de 52.

Sentem-se, estejam quietos—é a proclamação que

Bargossi veio protestar contra estas nossas velhas usanças, e, mal chegou a Lisboa, como se tivesse adquirido todo o fluido magnetico dos novos espiritistas, lançou toda a gente n'uma roda viva das mais diabolicas.

A policia começou a chegar a proposito, os amanuenses *ja não* careciam de mentir ao ponto, os americanos e *ripperts* começaram aos encontros, o comico Leighb ainda mais acelerou a phrase, os empresarios correram aos theatros, Marini fugiu com os seus para Madrid, a nossa sociedade elegante correu para as praias, não sei se afflicta se alegre, as tropas cahiram sobre Meda, o Costa começou a apitar, e as andorinhas largaram o vôo por cima das fortalezas de Gibraltar!

Foi uma scena estranha, na verdade!

A varinha de Bargossi parecia uma varinha magica, ou a batuta d'um bom regente. Aos accenos d'ella todos se moviam, se precipitavam, corriam, andavam e desandavam. Justino parecia um fantoche, Python rivalisava com Burnay, a *Actualidade* clamava pelas reformas.

Depois com a rapidez com que tudo isto succedera, tudo isto deixou de succeder; e os theatros, julgando que havendo tanta gente que corresse, muita gente

pediria *fautails*, abriram as suas portas e só colheram desillusões.

O governo que pozera de molho as barbas dos nossos theatros, porque vira a arder as dos theatros estrangeiros, fez tantas portas n'estas casas de espectaculos quantos buracos tem uma flauta.

Esta allusão musical lembra-nos que só o theatro lyrico foi considerado amorpho.

Mas que portas são estas? De entrada? de sahida? Ou de entrada e sahida?

Para entrar não ha portas mais commodas do que



O ALMIRANTE SEYMOUR

as mães continuamente dirigem a seus filhos; *devagar* é o grito que soa em toda a parte, desde o artigo de fundo até á carroça de fanico.

N'uma terra onde a pyrotechnia a toda a hora esplende e a todos agrada, é raro encontrar alguém que corra a foguetes, ao menos!

Correr é facto tão notavel nas praças e ruas lusitanas, que ao corredor que passa, todos os curiosos perguntam—*onde é o fogo?*

D'aqui se deve concluir que um homem para *correr* precisa ou de levar fogo atraz, ou ir em busca de fogo.

as *bortas* dadas pelas empresas, para sahir e só para sahir é que o governo interveio.

Parece isto um absurdo!

Imaginar que a população das platéas ha de ser exclusivamente composta de gente afeiçãoada aos expedientes resolutos do doutor Camara, é loucura; mas verdade, verdade, os entendidos affirmam que, apesar de haver mais portas, não tem entrado mais gente.

Eu já esperava isto mesmo.

As portas estão, talvez, para os fogos, como a policia está para os conflictos; e o povo sabe de sobejo que para perturbar a ordem nada é melhor do que a policia.

Eu sempre tive muito medo de que me succedesse ao corpo por causa da falta de portas nos theatros, o que me poderia succeder á alma por causa da impiedade dos espectáculos.

E' máo ficar carbonizado n'uma noute em companhia dos hombos da orchestra e das bambolinas do palco, mas não deve ser melhor ter a alma a dançar no inferno em companhia dos herejes, dos revolucionarios e dos impios, que põem peças de combate liberal no logar das oratorias milagreas.

Ao que se afirma, a propaganda moderna tem tanta força illuminante como o gaz, e os espiritos são muito mais inflamáveis e combustíveis do que os corpos.

O remedio mais eficaz para evitar a carne assada dos espectadores, pensou o governo que seria abrir muitas portas—amplia-se assim o direito de sahir tão energicamente proclamado por um illustrado vereador; para os incendios do espirito o remedio é diferente, pensam os salvadores; consiste em fechar algumas portas.

E eis como qualquer Barreiros da critica pode aconselhar a censura previa.

Eu, para fallar com franqueza, não sou contrario á censura previa; o que não desejo é vel a exercida por quem a ella não tem direito.

Seria, por exemplo, muito para desejar que o auctor d'uma peça fosse o primeiro e o mais previo censor; isto é, que o dramaturgo antes de affligir uma empresa theatral, antes de fazer noticias e *reclames*, antes de incomodar muitos e bellos artistas, antes, finalmente, de expor a sua obra ás platéas attentas, relesse a sua proza, pensasse no entrecho, avaliasse a doutrina, ensaiasse algumas scenas, até que se achasse habilitado para a offerecer á publicidade ou para a metter na gaveta.

E' tão agradável applaudir Antonio Ennes por ter feito representar os seus *Lazaristas*, quanto seria, se aquelle illustrado escriptor guardasse o seu *Luxo*.

A differença é pequena? applausos ruidosos na platéa ou applausos surdos na consciencia

Parece obra de fancaria, nos tempos que vão correndo, estas cousas de consciencia, mas afinal são do mais fino estofo.

Á proporção que as platéas se estragam, as consciencias aprimoram-se, e ainda chegaremos a tempo em que será o melhor escriptor aquelle que não escrever.

Que se pensasse em censura previa no tempo em que os *espiritos* não frequentavam os *foyers*, entendia-se; mas hoje, hoje que até o Talma e Gil Vicente passam o seu bocado de noute a criticar Brazão e Jardim, não só se não comprehende, mas até repugna aos sentimentos respeitáveis que os mortos nos merecem.

Em toda a parte os *espiritos* tem desempenhado admiráveis papeis nas scenas da comedia humana.

É ponto averiguado que para as figuras tristes na

da ha como o espirito de vinho, assim como para tyranetes incommodos, o melhor de todos é o espirito de contradicção.

E tanto assim é, e é tão verdade ter a intervenção dos espirituistas modificado notavelmente o modo de ser da censura moderna, que hoje a mesa de pé de gallo é a unica que pôde arrogar a si os direitos de *mesa censoria*.

Ha quem desconfie, e com razão, da parcialidade dos vivos, mas não ha quem duvide da sinceridade dos mortos.

Estou até disposto a acreditar que só os mortos são verdadeiros, talvez por serem inamovíveis.

E' o espirito que os conserva, está claro?

Não ha melhor jury do que aquelle que fôr composto por escriptores que *vivam* no mundo dos mortos... sem partido, sem inveja, sem peça á leitura, sem aspirações á entrada de graça... puros, puros e defuntos.

A experiencia já está feita.

Ensaia-se o *Casamento Civil*, e alguém como se estivesse n'uma assemblea geral, dirige-se á mesa n'estes termos:

—Espirito protector! estás em nossa presença?

—Sim, diz a mesa, alçando uma perninha, gesto que só n'estes casos annuncia uma affirmativa.

—Conheces a peça de Cypriano Jardim?

E o movimento repete-se, denunciando, que o tal espirito frequentou a associação dos jornalistas ha pouco mais de dois annos, ou na qualidade de escriptor publico ou na de analfabeto, affirmação contradictoria que o sr. Branco Rodrigues sabe explicar.

—Que tal vos parece a doutrina, enquanto á intervenção da questão religiosa em materia de registro civil?

—Mã, erronea, contraproducente — foi a resposta.

—E agradará? vamos, obedece.

—Não! — responde a mesa, não.

Ora para dizer isto, toda a gente o sabe, a mesa bate duas vezes com um dos pés no chão...

Eis uma resposta eloquente: uma negativa e um principio de pateada.

Pois ainda querem melhor e mais previa censura?

A mesa censoria de que tanto nos fallam os nossos avós tem já pés de gallinha; esta não; parece ter sido construída sob a direcção do talentoso artista, o sr. Calmels—só tem pé de gallo.

Emfim, sempre é mais alegre e consolador matar o tempo a resuscitar os mortos, do que a ver o tempo a matar e a roubar-nos os espiritos mais bellos e mais elevados que existem entre nós.

Chega a ser consolador, por mais que a orientação moderna nos roube muitas crenças e nos dê muitas desillusões, ouvir fallar nos espiritos que voltam, quando assistimos ao largar do vôo dos espiritos que nos vão deixar!

Pois é possível que a força que fez d'um pigmeu um gigante, d'um obscuro um notavel, d'um ignorante um sabio, d'um fraco um athleta, não tenha orgulho da sua obra e, em vez de a perpetuar na memoria dos que sobrevivem e nas lições dos que vierem, a deixe extinguir-se ou transformar-se no laboratorio infatigavel da sepultura?

Não o creio.

O homem não é o que os anatomistas poderão descrever—um organismo mais ou menos perfeito, mais ou menos bello, mais ou menos duradouro.

Um homem é como uma chamma que vale principalmente pela luz que derrama, não pelo combusti-

vel que consome. Ha homens que nascem e morrem; mas ha tambem homens que são immortaes; n'estes a parte mais modesta, a mais fragil é o corpo; a sua historia, as suas lições, o seu trabalho e o seu exemplo, proseguem a sua existencia n'este mundo. Assim a columna de fumo, mesmo depois de extinta a fogueira, sobe, sobe serenamente até chegar ás nuvens que giram no espaço e se confundir com ellas.

É certo que agora mesmo me chega a noticia de que Antonio Rodrigues Sampaio, cahiu prostrado por uma doença grave no leito que em breve lhe pode ser esquite.

E a fogueira que se apaga; vamos portanto contemplar os astros e admirar a marcha imperturbavel do fumo, que ora subirá em espiraes elegantes ou baixará á terra denso e expesso como um nevoeiro de Londres.

Quando uma creança ao cahir no berço solta o seu primeiro vagido, todos os *magos* da familia procuram ler-lhe o futuro; quando um homem pende na sepultura, soltando o seu ultimo ai, todos os *magos* da sociedade procuram ler-lhe o passado.

Por mais incommodo, fraco, inconsciente e inutil que seja um infante que desponta, offerece no seu futuro paga generosa aos cuidados recebidos; por mais erros que um homem tenha praticado na sua vida, tem sempre no seu passado ou o direito ao esquecimento, ou o direito ao perdão. Bemaventurados os que no seu passado conquistaram direito á apothéose!

Sampaio que desfallece n'um quarto modesto da villa de Cintra, começa, talvez, n'este momento a robustecer-se na consciencia recta de um paiz que se chama Portugal.

Não é isto o mysticismo de Jesus, nem o transformismo de Darwin, nem o espiritismo de Ravel, nem o positivismo de Comte; é o sentimento honesto e infallivel da gratidão d'um povo, que comprehende acima de todas as religiões e de todas as philosophias, o sacro amor da liberdade.

GOMES DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O Almirante Seymour

A Inglaterra não regateia as altas recompensas nacionaes áquelles de seus filhos que lhe prestaram nas horas criticas da sua existencia os mais relevantes serviços, a Inglaterra que deu a Wellington tudo o que pode cubir a ambição de um homem, que tem pela memoria de Nelson um vulto quasi idolatra, já a estas horas tem dado o titulo de *baronnet* e o de lord ao almirante Seymour, o commandante da frota ingleza, e ao general Wolseley, o feliz commandante do exercito inglez que poz termo com a victoria de Tell-el-Kebir á sua campanha do Egypto, que ameaçava ser um pouco desastrosa para as armas inglezas. O papel do almirante Seymour esteve longe em tudo de ser tão brilhante como o de sir Garnet Wolseley. As principaes operações maritimas da campanha reduziram-se ao bombardeamento de Alexandria. Foi Wolseley que teve de affrontar os serios perigos da campanha, foi Wolseley que pôde por uma surpresa habilmente combinada, pôr termo subitamente a essa campanha que ameaçava prolongar-se.

Os antecedentes de sir Beauchamp Seymour, hoje lord Seymour, annunciavam principalmente um

habil diplomata, e não um almirante distincto. Com mandava esquadra ingleza no Adriatico o anno passado, quando se tratou de fazer a famosa demonstração naval, eternamente adiada. Sir Beauchamp Seymour procedeu n'essa occasião com grande tino e prudencia. E' hoje um homem dos seus sessenta e um annos, verde e juvenil. Foi alumno do famoso collegio de Eten, em cujos bancos se sentou tambem lord Wellington. Entrou na marinha aos 13 annos, em 1842 era tenente, capitão em 1854. Serviu na esquadra do mar Branco no tempo da guerra da Criméa, e na estação naval da Nova-Zelandia, onde foi ferido. Adjuncto de campo da rainha em 1866, lord do almirantado em 1872, almirante em 1876, exercia agora no Egypto pela primeira vez um commando importante, debaixo do ponto de vista militar. Mostrou desembaraço e energia, e a Inglaterra, que espera sempre que cada homem faça o seu dever, como dizia o famoso signal de Nelson em Trafalgar, mas que recompensa os que o cumprem, encheu de honras e de premios o almirante que fez tremular a bandeira vermelha nas frotas de Alexandria, e que puniu severamente com os seus canhões a barba da barba dos seguidores de Arabi.

Pobresinha

Um escriptor francez que acompanha com os seus artigos gravuras como esta que publicamos agora, e que é copia de um quadro de mr. Jacquet, tem o costume de fazer diante de qualquer d'estas physionomias plangentes uma choradeira muito massadora, accrescentando n'uma apostrophe *patetica* (de *pateta*) a figura de que se trata «Possas tu encontrar em breve mão soccorredora que enxugue as tuas lagrimas etc.»

Ora se nós sabemos perfeitamente que ellas mesmas não de encontrar essa consolação suprema, porque se a encontrassem, deixavam de ser os quadros deliciosos que são, e deixavam por conseguinte de precisar de artigo, em vez de dirigirmos á *pobresinha* de Jacquet a apostrophe prudhommesca do nosso confrade de alem dos Pyreneus, dir-lhe-hemos exactamente o contrario, dir-lhe-hemos: «Não, gentil mulher de rosto oval, de pequenina boca, de olhos inundados de uma tristeza infinda, que tão elegantemente te envolve nos teus pobres trajes, e molduras de um modo tão notavel n'esse humilde lenço a tua cabeça escultural, não, queira Deus que nunca ninguém te console, porque perderias esse cunho de melancolia que faz a tua principal belleza e o teu mais ineffavel encanto. Encontrar quem te consolasse não seria talvez das empresas mais difficeis, porque enfim não ha memoria de chorarem uns olhos bonitos e de suspirarem uns labios como os teus sem despertarem logo a compaixão de alguém de sexo differente, mas se te consolasses, mas se te matassem a fome, que é no entender do commentador francez do quadro de Jacquet o que te afflige assim, lá se ia de certo o cunho especial da tua physionomia tão dolorosa e tão resignada! Faze favor de não consentires que te consolem! Ou és obra de arte, ou não és, ou mereces ter servido de modelo a Jacquet ou não; se o mereces, como deve ser o nosso desejo e a nossa aspiração de artistas, immobilisa-te na tua dôr, immortalisa no teu rosto essa expressão deliciosa, conserva aberta a ferida que te deu a gloria, perpetua no teu olhar essas lagrimas sagradas, e faz como a mãe israelita que não queria ser consolada, porque o consolares-te significaria para ti caíres do mundo sublime da arte no mundo chato da banalidade.

A cantora das ruas

Uma de duas, pequena! Ou tens voz, ou não tens! Estás sentada e com a tua rebecca no collo, lançando um olhar de tristeza profunda para essas carruagens que passam ao longe, para essa sociedade brilhante que em torno de ti se agita! Pois bem, em vez de te collocares n'essa pose romanesca de victima, faze como te iamoz dizendo, as seguintes reflexões:

Tens voz? Então, trata-se apenas para ti de encontrares no teu caminho um empresario, um cantor, um maestro, e d'aqui a pouco serás *diva*, e escripturar-te-hão para S. Petersburgo, e virás a Lisboa e conhecerás o nosso bom José Carlos, e atravessarás n'uma carroagem macia e fôla os *boulevards* parisienses, ou então entrarás no Conservatorio, e aproveitarás na tragedia esse longo olhar impregnado de melancolia que inspirou Dubréau, e entrarás na Comedia Francesa, e serás societaria, e Dumas escreverá para ti um papel scintillante, e o Pinto do Gymnasio de Lisboa offerecer-te-ha centos de libras para vires dar tres recitas no Gymnasio, e escoltar-te-hão os janotas do Chiado até a *gare* com archotes accesos, e serás a grandeza immortal, a opulentissima *tragedienne*. Deus do céu! É isto mesmo que te eu digo, porque foi esta nem mais nem menos a historia de Stolta e a historia de Rachel, duas cantoras das ruas como tu, que tinham voz, que tinham talento, e que não tardaram a abandonar a sua rebecca humilde e as suas canções populares, para irem ao som da orchestra, arrojando aos espectadores ou as notas apaixonadas de Bellini ou os versos heroicos de Corneille.

Pode ser tambem que não tenhas talento, nem voz, rapariga, que tenhas apenas esse olhar luminoso, e essa gentileza morbida, então será bom que abandones a tua rebecca, e vás procurar n'uma profissão menos perigosa o pão para ti e para os teus, porque então podes encontrar quem te arranque da miseria, quem te dê uma d'essas carroagens que segues com olhar profundamente triste, mas em troca d'essa protecção, d'esse bem estar, d'esse conforto, não te pedirá a tua voz, não te pedirá o teu talento, mas pedir-te-ha a tua belleza, e sabes que é esse o caminho da deshonra.

Reflecte bem n'isto, rapariga, toma a tua resolução, e deixa-te de morbidos olhares e de languidas poses de romance.

Typos de Fellahs

Ergue-se nas campinas egypcias uma multidão de pequenas habitações cuja porta é por tal forma exigua que só quasi de rastos é que para lá se pode entrar. E esse o genero de residencia do camponez arabe ou *fellah*. Em systema de instrucção é geral entre os arabes das classes inferiores. Aqui e acolá pastam animaes domesticos, cabras magras ou rebanhos de bufalos pretos, de ossos salientes, conduzidos por um pastor esfarrapado e de pés descalços, typo perfeito dos antigos pastores da Mesopotamia.

Os pobres *fellahs* são inoffensivos e de costumes brandos, e de todas as raças tão diversas que se encontram no solo egypcio, são elles que inspiram mais sympathia e mais interesse, porque terem sido sempre opprimidos, mas a oppressão não os embrutecceu. Não vae longe o tempo em que se viam despojados de tudo, até dos ovos das suas gallinhas, por algum arabe insolente. Ha poucos annos: contudo o *fellah* é relativamente muito mais feliz; hoje é proprietario, tem a sua lavoura, e faz as suas colheitas, e o imposto que paga é relativo aos seus pequenos haveres.

Só uma cousa ainda se não aboliu ainda — o trabalho forçado.

Edmond About escreveu debaixo de forma estranha de romance, um estudo economico e social sobre a situação dos fellahs e a agricultura do Egypto intitulado *Ahmed le fellah*.

P. C.

ROSICLER

AO PRIMEIRO CABELLO BRANCO D'UMA JOVEN

Cabello branco, primeiro,
primeira nuvem no céu,
primeiro pranto, e aguaceiro
d'un coração que soffreu.

Primeira penna caída
d'un cygne n'uma lagoa,
primeira illusão perdida,
primeira pluma que vóa.

Primeira folha que o vento
arrebato d'un rosal,
primeiro ai, ou lamento
d'ave que deixa o pombal.

Primeiro ai na serenata;
primeiro amoroso choro,
primeiro fio de prata
n'um tear de seda e ouro.

Primeiro degrau da escada
que se subiu da Tristeza,
primeira folha prateada
da Biblia da natureza.

Primeiro sonho no dia
cheio de luz e rumor,
primeira melancolia,
primeira neve do Amor.

Primeira corda que estalla
n'uma lyra de marfim,
lagrima ideal que resvala,
na face d'un seraphim.

Primeiro pranto que rolla
na Ladaínia da Magoa,
primeira dôr que desola,
e primeira gota d'agôa.

Primeira neve na flor,
talvez primeiro martyrio,
primeira rosa sem cor,
primeiro candido lyrio.

O' primeiro frio eterno!
O' primeira folha d'hera!
não és ainda o inverno,
e és ainda a primavera!

GOMES LEAL.

UM CASO DE MAGNETISMO

(EXTRAHIDO D'UM CONTO DE EDGAR POE)

(Continuado do numero antecedente)

—Sr. Valdemar, ainda dorme?

Como precedente, passaram alguns minutos antes da resposta, e n'esse intervallo o moribundo parecia reunir toda a sua força para fallar.

Quando pela quarta vez repeti a minha pergunta, respondeu muito francamente, quasi inintelligivelmente:

—Durmo ainda, e sinto-me morrer.

Os medicos eram de opinião, ou pelo menos desejavam que Valdemar não fosse mais perturbado no estado actual de tranquillidade apparente, até que sobreviesse a morte, que, segundo elles, não poderia demorar-se mais de cinco minutos.

Resolvi todavia fallar-lhe ainda uma vez, repetindo a mesma pergunta, que lhe fizera ultimamente.

Emquanto eu fallava fez-se uma notavel mudança na physionomia do somnambulo. Os olhos rolaram nas orbitas, lentamente descobertos pelas palpebras, que subiam; a pelle tomou um tom geral cadaveri-

O labio superior, ao mesmo tempo, torceu-se, subindo para cima dos dentes, que ainda agora cobria inteiramente, enquanto que a maxilla inferior cahia deixando descoberta toda a boca, e a lingua negra intumescida.

Presumo que todas os circumstantes tinham pre-

de vitalidade; e, julgando-o morto, iamos deixal-o aos cuidados dos seus enfermeiros, quando notámos um forte movimento de vibração na sua lingua.

Ao mesmo tempo das maxillas distendidas e immoveis sahio uma voz, uma voz tal, que seria loucura tentar descrevel a.



POBRESINHA

co, menos semelhante a pergaminho do que a papel branco; e as duas nodos heclicas circulares, que até então estavam vigorosamente fixas no centro de cada face apagaram-se de repente.

Sirvo-me da expressão «apagar», porque desapareceram tão rapidamente, que fariam lembrar uma luz que se apaga, soprando-lhe.

senceiado mais vezes os horrores d'um leito de morte; mas o aspecto de Valdemar n'este momento era de tal sorte hediondo, que ninguem o podia ver.

Afastamo-nos todos do moribundo.

Cheguei agora ao ponto da minha narração, em que o leitor de certo não me acredita.

Valdemar já não manifestava o minimo symptoma

Ha todavia dous ou tres epithetos, que poderiam ser-lhe applicados, por aproximação: assim direi, que o som era aspero, estrangulado, cavernoso; mas em todo o caso não significo o horror de semelhante voz, pela simples razão de que nunca o ouvido do homem sentiu ullular um som como aquelle.

Tinha, porém, duas particularidades, que, segun-

do a impressão, que então experimentei e em que depois reflecti muito tempo, podem justamente considerar-se como características da intonação, e que são proprias para dar alguma ideia da sua estranha maravilha.

Fallei ao mesmo tempo do som e da voz.

Devo dizer que o som era d'uma syllabisação distincta, e mesmo espantosamente, horivelmente distincta.

Valdemar fallava evidentemente para responder á

cina, desmaiou. Os enfermeiros fugiram, com os cabellos arripiados.

Desde então, Valdemar ficou insensível a toda e qualquer influencia magnetica; apenas, quando lhe fallava, manifestava um leve movimento vibratorio



A CANTORA DAS RUAS

Em primeiro lugar, a voz parecia chegar aos nossos ouvidos, aos meus pelo menos, como se viesse d'uma grande distancia, ou d'algum subterraneo.

Em segundo lugar, impressionou-me (receio realmente que não me comprehendam) da mesma maneira que as materias glutinosas ou gelatinosas affectam o sentido do tacto.

minha ultima pergunta,

Tinha-lhe perguntado se ainda dormia.

Respondia-me agora:

—Não, já não durmo; agora, sei que estou morto.

Nenhum dos circumstantes pôde reprimir um movimento de horror; Theodoro, o estudante de medi-

na lingua, como se quizesse responder-me, mas o acto da sua vontade não era bastante efficaz.

A's dez horas da manhã saímos.

Depois do meio dia voltámos para ver o doente.

O seu estado era absolutamente o mesmo.

Discutimos então a oportunidade e a possibilidade de o acordar, mas entendemos que era inutil.

Era evidente que até então a morte, ou o que vulgarmente se comprehende na palavra *morte* tinha passado em virtude da operação magnetica.

Parecia-nos claro a todos que acordar o doente era acelerar o momento fatal da morte, ou a desorganização do corpo.

Desde então até ao fim da ultima semana,—um *intervallo de sete mezes pouco mais ou menos*—, reunimo-nos diariamente em casa de Valdemar, acompanhados de medicos e outros amigos.

Durante todo esse tempo, o *somnambulismo* permaneceu tal como o descrevi, sem a minima alteração.

Os enfermeiros velavam continuamente, de dia e de noite.

Na ultima sexta feira, resolvemos finalmente acordar-o ou pelo menos tentar acordar-o; e o resultado, deploravel talvez, d'essa ultima tentativa deu occasião aos mais extravagantes commentarios da opinião e da credulidade publica.

Para arrancar o doente á catalepsia magnetica, usei dos *passes* costumados.

Durante algum tempo, foram inuteis.

O primeiro symptoma de voltar á vida foi um abaixamento parcial do iris. Observámos como um facto muito notavel, que esse descimento do iris era acompanhado de um fluxo muito abundante de liquido amarelado, que sahia debaixo das palpebras, e que tinha um cheiro acre e fortemente desagradavel.

Suggestiram-me então a ideia de procurar influenciar o braço do doente, como d'antes.

Ensaiei, mas não pude.

O doutor F... mostrava vontade de que eu lhe fallasse.

Fil-o da maneira seguinte:

—Sr. Valdemar, pode explicar-nos quaes são agora as suas sensações e desejos?

Reappareceram immediatamente no rosto do enfermo os circulos hecicos; a lingua tremeu, ou antes rolou violentamente na boca (ainda que as maxillas e os labios ficassem sempre immoveis) e depois a mesma voz horriavel, que eu já tentei descrever, ullulou:

—Pelo amor de Deus, depressa! depressa! adormeçam-me, ou acordem-me, depressa! Já lhes disse que morri.

Confesso que me senti completamente anniquilado. Fiquei muito tempo n'uma indecisão profunda sobre o que deveria ou poderia fazer.

Emfim, tratei de acalmar o paciente, mas não tendo força para isso, continuei o mais vivamente possível, a operar para conseguir acordar-o.

Reconheci que a minha tentativa não seria frustada, e estou certo de que todos os assistentes esperavam vel-o ainda acordado.

Mas o que realmente aconteceu, ninguém o esperava, porque transcende toda a responsabilidade.

Como operasse rapidamente os *passes* magneticos, no meio dos gritos de—Morto! morto! que fariam litteralmente explosão sobre a lingua, e não sobre os labios do corpo de Valdemar, de repente, no espaço d'um minuto, ou menos ainda, todo esse corpo se esboroou, se esmigalhou, apodreceu absolutamente debaixo das minhas mãos.

Sobre o leito deante de todas as testemunhas, jazia uma nojenta massa, quasi liquida, uma abominavel putrefacção.

UMA PALAVRA

SOBRE OS DESTINOS DA POESIA

Agita-se n'este momento a discussão sobre os futuros destinos da poesia, questão suscitada por um artigo de um escriptor de primeira ordem, espirito dos mais elevados entre os contemporaneos, poeta illustre, mas prosador eminente.

Não é intuito nosso entrar n'esse grave debate, para que nos falta agora o espaço e o tempo; por que elle demanda trabalho de mais largo folgo, e reflexão mais demorada. Limitamo-nos aqui a consignar uma opinião individual, senão valiosa de valor intrinseco, calorosa ao menos do interesse moral pelo assumpto, que é realmente interessante, por mais estranha que pareça esta asserção aos utilitarios de varios matizes.

Julgámos que a poesia viverá tanto como a humanidade: e entendemos por poesia não tal ou tal forma rythmica, mas a commoção intima que brota do sentimento ou do pensamento. Póde a forma transformar-se indefinidamente; pode mesmo desaparecer a rima e o metro, que nem por isso terá deixado de existir a poesia. A vibração mysteriosa do sentimento, a intuição reveladora das harmonias reconditas do universo não cessarão de actuar dentro do homem, e de se traduzirem em cantos, strophes e hymnos mais ou menos apaixonados. E os conflictos dramaticos das paixões, e as dores physicas e moraes inherentes á existencia continuarão a impressionar a sensibilidade humana.

O homem é, e será sempre um ente simultaneamente activo e contemplativo. E' pela contemplação que elle aspira ao Ideal; e é essa aspiração incessante que lhe desenvolve as faculdades estheticas e religiosas. A Poesia, a Arte e a Religião viverão enquanto elle sentir e amar. Correspondem todas á sua ancia infinita pela perfeição que elle não pode attingir, e pelo Bem Summo que elle deseja como fim final. (1)

Em certos momentos da historia, em certas crises do espirito pode a poesia, como a arte e a religião tornar-se convencional. São os periodos em que o antigo Ideal já não satisfaz, e em que o novo Ideal, em obscura e laboriosa formação nos intimos recessos da Consciencia, não conseguiu ainda definir-se e traduzir-se por formas como que tangíveis. São epochas de transição ou epochas de elaboração trazendo muitas vezes no seu seio germens ainda mais fecundos. Depois de rasgado o veu das nebulosas incertezas e da escura duvida, abrem-se quasi sempre horisontes mais vastos.

Tal é a minha opinião; tal é, poderia dizer, a minha crença.

Se, por hypothese para mim mais do que improvavel, essa voz interior deixasse de fallar no homem, e de o impulsar no caminho do Ideal, se essa ancia e esse desejo infinitos se lhe apagassem no coração, então poder-se-hia dizer que o cyclo humano estava encerrado. Os destinos da humanidade estariam consumados. A Sciencia mesmo, privada da hypothese que a fecunda, e do espirito philosophico que a vivifica, não seria mais do que uma vã nomenclatura, como lhe chamou Balzac; e o Uuiver-

so tornar-se-hia realmente coisa *inexpressica*, segundo a phrase profunda de Anthero do Quental.

Sobre a terra tenebrosa poder-se-hia lavar esta sentença: *Finis Orbis*.

A terra muda continuaria a rolar no espaço como um astro morto.

JOÃO TEDESCHI.

SCIENCIA POPULARISADA

De que provêm os ventos?

Os phenomenos da natureza, que mais deviam attrahir-nos a attenção por serem os mais frequentes e energicos, são todavia aquelles de que menos nos occupamos. N'esse caso está o vento, que tão desagradavelmente nos impressiona de dia e de noite, na rua agoitando-nos o rosto e enchendo-nos os olhos de poeira, em casa rugindo furioso e não permittindo que se abra uma janella.

E quantas pessoas ficariam sériamente embaraçadas, se lhes perguntassem a causa d'essas correntes d'ar? Pois bem, o vento é o resultado do movimento que se produz na atmosphaera, logo que o equilibrio é perturbado por uma circumstancia qualquer: mudança de estação, passagem do dia para a noite, etc., etc.

Se n'uma parte da atmosphaera o ar se torna mais denso, isto é, mais compacto, escoa-se para o ponto em que a densidade é menor, da mesma forma porque o ar comprimido n'um folle escapa-se pelo orificio. O deslocamento do ar é de todo o ponto analogo ao da agua nos rios; o oceano aerio de uma região lança-se n'outra região. Simples questão de equilibrio.

Apezar d'isso a theoria dos ventos, perfeitamente orientada na generalidade, offerece algumas duvidas em pontos secundarios, e muitos sabios sustentam que a sciencia ainda não conseguiu determinar de um modo exacto as leis, que presidem á produção dos ventos, e lhes regulam o sentido, direcção e intensidade.

Entremos n'algumas particularidades.

No tocante aos ventos variaveis, não ha coisa alguma definitiva, porque os accidentes geologicos, geographicos, physicos, etc., que podem influir e necessariamente influem n'esses phenomenos, são por si mesmos extremamente complexos e pouco conhecidos.

Sobre os ventos periodicos e constantes existem mais numerosos esclarecimentos, posto que essa parte da sciencia meteorologica deixe ainda muito a desejar.

Estes ultimos podem dividir-se em duas especies: ventos *geraes* ou *alizados*, que são constantes e reinam nas regiões equatoriaes, onde sopram de este para oeste, e os ventos chamados *monções* nas Indias, ventos *etesios* na Africa, que voltam todos os annos na mesma epocha, e que em vez de terem uma direcção uniforme como os precedentes, soffrem notaveis modificações devidas ás circumstancias do clima, á configuração dos paizes em que dominam, etc.

Concordam os homens da sciencia em attribuir a origem dos ventos *alizados* á acção combinada da rotação terrestre e da temperatura elevada, que se observa no Equador. Por um lado, como dissemos, o ar aquecido pelo sol, dilata-se e sobe. Forma-se portanto sobre toda a zona equatorial um vacuo re-

(1) A palavra *finalidade* não corresponde satisfatoriamente á minha idéa; porque significa a *causa final*; e eu pretendo significar o limite extremo da aspiração.

A FILHA DO MUSICO

POR

HYPOLYTE LUCAS

(CONTINUAÇÃO)

Versão portuguesa

DE

JULIO DE MAGALHÃES

Oito dias depois d'esta conversa, encontrei Euphonio em companhia da filha na rua Bergère; sabiam do Conservatorio. A formosa Corinna fez-me saber, que começara já os seus estudos n'aquella escola, cuja celebridade é tão justa e bem fundada, e que tencionava prehencher ali o seu noviciado antes de se escripturar no theatro. Como bem pôde suppor-se, ouvi e calei-me...

Haviam passado tres mezes depois da entrada de Corinna no Conservatorio, quando um dos convivas de Euphonius se lembrou de retribuir com um almoço, o jantar que o musico offerecera aos seus amigos. Era elle um rapaz rico, conhecido pelo nome de Carlo, musico amador que compunha missas para empregar o seu tempo, conviva espirituoso e alegre apesar do genero religioso das suas composições, e muito bem recebido nos salões mais aristocraticos, em razão da avultada fortuna, que possuia, e dos notaveis encantos physicos, de que era dotado. O musico acceitou sem hesitar o convite, que aliás deveria ter declinado, embora se não conciliassem com essa recusa os privilegios da vida de artista; mas Euphonius, que havia dado o primeiro passo, nem mesmo pensou em recuar...

Persuadido de que uma filha acompanhada por seu pae podia ir a toda a parte, porque tudo está em a guardar bem, era elle quem a conduzia ás aulas, e d'este modo só estava longe d'ella em quanto duravam as lições. Segundo o mesmo raciocinio com respeito ao convite de Carlo, é evidente que nenhuma razão tinha para não o acceitar.

O amphytrião convidou-me tambem para o almoço, o qual devia realisar-se em um dos mais afamados *restaurants* do *boulevard*, e eu accedi de bom grado ao convite. Queria aproveitar aquella occasião para conhecer, qual fôra a influencia que os tres mezes de frequencia no Conservatorio tinham exercido sobre aquella adoravel e ingenua creatura, cujos ademanos me haviam parecido tão cheios de decoro e de modestia, e decedi desde logo observar de perto, como estudo de costumes, os symptomas de decadencia, que por ventura comessem já a manifestar-se.

Foi com verdadeiro pesar que fiz as seguintes observações:

Corinna, logo que me viu chegar, estendeu-me desembaraçadamente a mão, e, dirigindo-me uma saudação em italiano, que é a linguagem geralmente preferida pelos musicos, deu-me o tratamento de «amico caro».

No decurso da conversação fez constantemente jogos de palavras, e serviu-se de grande numero de expressões, não admittidas ainda pelos dictionarios.

Dirigiu a palavra a seu pae quasi sempre em tom imperioso, e oppoz-lhe por vezes uma evidente contradição.

Crusou as pernas uma sobre a outra com desenvoltura notavel, e deixou ver o pé, que tinha pequenino e bem feito.

Fiquei literalmente estupefacto, por ver que se operara em tão pouco tempo uma tal transformação n'aquella menina, que me parecera possuir uma grande distincção de maneiras, e todas as delicadezas da modestia e do pudor.

O nosso amphytrião festejava ruidosamente—aqueles jogos de palavras, que nem mesmo tinham o merecimento da novidade, e exclamava:

—Bravo! bravo! adoravel!

O pae de Corinna tinha a fraqueza de se persuadir, de que era espirituosissimo tudo o que a filha dizia.

Confesso que o almoço, embora excellente, não foi apreciado por mim, como devia ser-o.

Depois de concluida a refeição, sahimos para dar uma volta no *boulevard*, e Carlo, usando do seu direito de amphytrião, offereceu o braço a Corinna.

A poucos passos de distancia, na retaguarda d'elles, caminhava eu ao lado de Euphonius.

—Não lhe parece, amigo, que a minha querida Corinna tem ganho muito? me disse elle, logo depois de havermos dado começo ao passeio. Agora tem o espirito mais vivo, mais aberto, mais expansivo; não é verdade?

Podia esperar todas as perguntas, mas de nenhum modo a que acabava de me ser feita. Por tal modo me surpreendeu ella, tão opposta era ao assumpto das minhas preoccupações, que tomei a palavra, e não occultei o que estava pensando e sentindo.

—Pelo contrario, amigo Euphonius, affigura-se-me que a sua filha perdeu muito! lhe disse eu.

E seguidamente expliquei-lhe as razões, que tinha para assim pensar, e o receio que me agitava, de que a formosa Corinna, depois de haver aprendido a linguagem, tomasse tambem os habitos do novo paiz em que ora vivia.

—Não seja pessimista, amigo! exclamou elle. Convença-se de que o theatro é a escola da virtude! *ridendo castigat mores*; e com mais razão ainda o Conservatorio, que deve *conservar*...

—Ah! repliquei eu. Se o amigo Euphonius faz tambem jogos de palavras, então já vejo que não poderemos entender-nos. De mais, que tenho eu com o futuro da sua filha? O amigo Euphonius de certo me tem chamado já muitas vezes de si para si, e com razão, rabugento e indiscreto. A sua filha tem talento, e o publico nada mais ha de exigir d'ella...

—A minha filha ha de ser a honestidade personificada, respondeu o musico com a segurança de um homem, que almoçou copiosamente, e que de nada duvida. Posso affirmar que nunca ha de dar ensejo a que lhe façam a corte.

—Tão grande é então a sua cegueira, amigo Euphonius, que não vê que o proprio Carlo procura aturdir-a com louvores exagerados, e que até mesmo n'este momento lhe aperta o braço mais fortemente, do que as conveniencias permitiriam?

Corinna e Carlo tinham-se afastado um pouco de nós, e conversavam animadamente. A filha do musico acabava de voltar-se vivamente para a retaguarda, com o manifesto intuito de verificar, se poderiamos ouvir o que elles diziam, e eu julgara ver-lhe nas faces um rubor desusado.

—Enlouqueceu, meu pobre amigo? exclamou Euphonius. Carlo não se atreveria... Oh! um dos meus mais antigos e dedicados amigos!...

—Mais uma razão.

—Que scepticismo o seu, amigo! Não crê em coisa alguma!

E desatou a rir.

—Ria, ria, amigo Euphonius, lhe disse eu encolhendo os hombros. Oxalá tenha sempre motivo para rir...

Em seguida aproximamos-nos de Carlo e de Corinna, os quaes, na nossa presença, permaneciam silenciosos e oppressos. Observando-os attentamente

lativo, que estabelece de cada lado uma tiragem igual á de uma chaminé. D'ahi resulta no hemispherio boreal uma corrente dirigida do sul para o norte. Por outro lado, como a velocidade é proporcional a densidade ou á massa, e como os corpos proximos da terra participam do movimento d'esta, tanto mais quanto mais proximos estiverem, comprehende-se que o ar rarefeito do Equador tendendo sempre a subir, nunca é levado com uma velocidade igual á da terra.

Os objectos que n'essa região se acham collocados no solo ou no mar — as arvores, as casas, os navios—giram por conseguinte mais depressa do que o ar, que lhes oppõe um obstaculo; e esses objectos sentem um effeito identico ao d'uma corrente de ar, cuja rapidez fosse igual ao excesso da velocidade d'esses objectos sobre a do ar.

Produzindo-se de cada lado da linha o mesmo effeito com uma densidade decrescente, resulta que o vento do norte do polo boreal torna-se nordeste, e o vento sul do polo austral torna-se sueste, girando a terra, como se sabe, de oeste para este.

As monções da India têm com os ventos alizados uma conexão e analogia muito provaveis, senão certas, mas cujo caracter não é conhecido. Essas correntes sopram metade do anno n'um sentido, metade n'outro. A sua direcção muda com as estações; em certas zonas ha quatro monções, cuja direcção varia segundo as regiões e segundo as circumstancias locais muitas vezes mal determinadas. As monções no hemispherio boreal são substituidas durante o equinoxio da primavera, por calmarias e ventos irregulares alternando com furacões horribes.

A periodicidade dos ventos *etesios* é menos rigorosa do que a dos monções. Esses ventos são originados no estio pela temperatura, que as areias abraçadoras dos grandes desertos communicam ao ar. Sopram do norte sobre o Mediterraneo e sobre a costa septentrional da Africa.

Os ventos que os marinheiros designam pelo nome de *brisas* têm causa semelhante. Sopram quando ha falta de equilibrio entre a temperatura do mar e da terra. Quando a terra está resfriada, como acontece de manhã, a brisa sopra de terra. A' noite, pelo contrario, sente-se a brisa do mar.

Observa-se nos Alpes um phenomeno do mesmo genero, isto é, uma brisa ascendente, determinada de manhã pelo aquecimento dos cumes dos montes, e uma brisa descendente, que á noite soprava do vertice das montanhas para os valles, os quaes tinham absorvido durante o dia o calor solar.

Para concluir diremos apenas que existe um instrumento chamado *anemometro*, com o auxilio do qual se chegou a medir a velocidade do vento. Essa velocidade por segundo é—para a brisa suave 1 metro; para a brisa forte 9 metros; para o vento impetuoso, 11 ou 15 metros; para a tempestade, 20 ou 30 metros; para o furacão 27 metros; e para o furacão, que arranca as arvores e deita por terra os edificios, 38 a 45 metros.

Na parte superior do observatorio da Escola Polytechnica, toda a gente tem visto quatro bolas, que se movem constantemente com maior ou menor pressa. Pois isso que nos parece de longe quatro bolas, é uma parte do *anemometro*.

conheci que não me enganara nas minhas previsões.

E todavia a perturbação, aliás evidente, de Corinna e de Carlo, passou desapercibida para Euphonius!

Decorreu um mez, durante o qual foram poucos frequentes os meus encontros com o musico e com sua filha. A formosa Corinna mostrava-se agora um pouco melancolica, mas sem que houvesse readquirido a seriedade, a apparencia de modestia, que tanto me agradara na occasião em que por primeira vez a vira. O tom das suas palavras era brusco e resolutivo; não fallava senão das coisas de theatro, de aventuras de bastidores; e citava, como se fôra um homem, as mutações que se operavam no coração das actrizes de fama duvidosa, as mobílias mais ou menos ricas que essas damas compravam ou vendiam, e as protecções que apressavam ou retardavam um debut. Forçava o pobre Euphonius, o qual vivia em relações com um grande numero de auctores musicos e dramaticos, a conduzi-la ás primeiras representações, afim de ver Paris inteira, como é costume dizer-se, ou antes, afim de ser vista por to-

—Póde vir, senhor; entrará por uma escada de caracol, que communica com o quarto da menina, e que o sr. Euphonius julga condemnada.

—Ah! murmurei eu surprehendido. A casa tem uma escada de caracol?

—Tem, sim, senhor; mas só de mim é conhecida. E' por ella que eu subo ao quarto da menina, quando vou saber se ella tem alguma commissão de que me incumbir.

A expressão de ingenuidade, que transparecia no semblante de Benjamim, tranquillizou-me com relação a elle, pelo perigo que havia na existencia d'aquella escada; mas não pude deixar de exclamar:

—De que comissões póde incumbir-o a menina, a occultas do pae?

Benjamim corou até a raiz dos cabellos, e perturbou-se.

—A menina, me disse elle por fim lavado em lagrimas, e depois de haver tartamudeado umas explicações incompreensíveis, a menina... tem no coração uma paixão violenta!

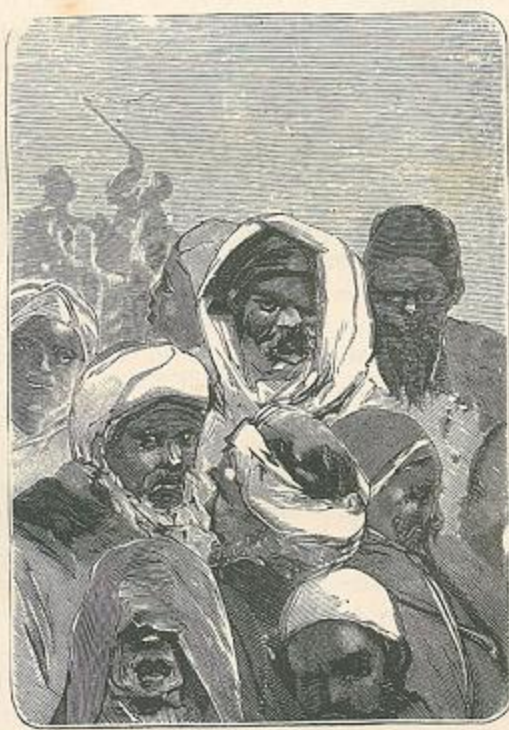
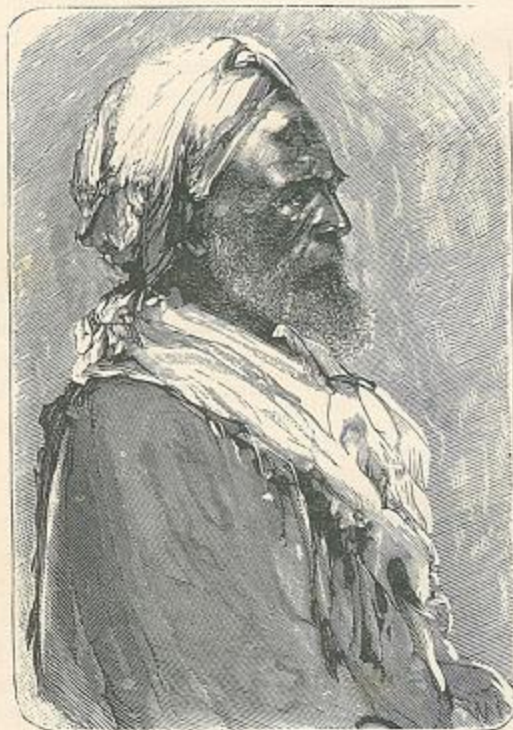
Corinna, com os cabellos desgrehados, trajando um simples mas elegantissimo penteador, e formosa como um anjo, precipitou-se nos meus braços com toda a violencia de uma heroína de romance ou de theatro, e começou a soluçar.

—Socegue, socegue, lhe disse eu com voz carinhosa, e dominado por uma tal ou qual commoção. Nenhuma razão tem para esse desespero. Benjamim disse-me tudo.

—Mas não lhe disse que meu pae quer matar Carlo! exclamou Corinna. Quer bater-se com elle em duelo de morte. Vá procural-os, senhor; salve-os... salve-me!

No momento em que acabava de pronunciar estas palavras, Corinna julgou ouvir um ruido de passos na escada principal do predio, e voltou-se para o lado da porta, ficando com um dos braços lançados em redor do meu pescoço...

Que admiravel formosura a d'ella, n'aquella posição de receioso abandono! Compreendi então, que os encantos da filha do pobre Euphonius haviam de ter o poder de causar a perda de muitas almas.



TIPOS DE FELLAHS

dos os personagens celebres nos fastos da moda e do prazer.

Um dia de manhã, o filho do guarda-portão do predio, em que o musico residia, rapazete que eu vira já muitas vezes junto de Corinna, e que frequentava tambem o Conservatorio, procurou-me em casa para me entregar um bilhete da parte d'ella. Era a primeira vez que me escrevia. O bilhete continha as seguintes palavras unicamente:

«Sei que é o mais dedicado amigo de meu pae; peço-lhe que venha já fallar-me, se quer evitar que aconteça uma desgraça.»

—Sabe se se deu algum facto desagradavel em casa do sr. Euphonius? perguntei eu a Benjamim, que assim se chamava o rapazete.

—Não sei, senhor, me respondeu elle depois de haver hesitado durante um momento; sei só que a menina chora constantemente desde hontem, e que o sr. Euphonius sahio hoje muito cedo de casa, deixando a filha fechada á chave.

—A menina pede-me que vá já fallar-lhe; mas se estão as portas fechadas...

—E o sr. Benjamim, repliquei eu, não obstante parecer que é amigo d'ella, auxilia essa paixão?

—Se sou amigo d'ella! Nenhuma duvida teria em me metter no fogo para a servir! E' tão profundo o affecto que lhe consagro, que me presto a ser confidente e mensageiro dos seus amores! Peço-lhe porém que acredite, senhor, que as relações, que a menina sustenta, são puras e irreprehensíveis...

—Mas enfim, com quem é que a menina está em correspondencia?

—Com um amigo do sr. Euphonius, que tem por nome Carlo...

—Eis realisadas as minhas previsões! exclamei eu. Não me enganei...

—O sr. Euphonius, tornou o confidente de Corinna encontrou hontem por acaso uma carta do sr. Carlo, e foi logo pedir explicações á menina, a qual lhe confessou tudo. O pae encolerisou-se muito, e a menina julga que elle iria hoje procurar o sr. Carlo.

Acompanhei Benjamim a casa de Corinna, posto que nenhum desejo tinha de me envolver n'uma questão d'aquella natureza, subi a escada de caracol, e entrei assim furtivamente no quarto da futura prima-dona.

Ouviu-se por fim o rangido, produzido por uma chave na fechadura da porta do compartimento contiguo.

—E' meu pae, disse ella com voz rapida. Depressa, depressa; desça pela escada de caracol, e volte pela principal...

E impelliu-me para a especie de escuro labirinto, que momentos antes me dera accesso para o quarto d'ella. No momento porém em que eu ia pôr o pé no primeiro degrau, e como se subitamente se lembrasse de que me devia uma qualquer compensação pelo incommodo, que me causara, tomou-me a cabeça entre as mãos, obrigou-me a curvar-me um pouco, e beijou-me na testa, sobre que me deixou uma derradeira lagrima...

—Oh! oh! disse eu de mim para mim, limpando a testa. Esta rapariga ha de ir longe... E ainda não tem mais de quatro mezes de Conservatorio!...

(Continua).